

Lição 12 — Teoria do Conhecimento de Empédocles. A Alma Não é Composta pelos Elementos

TEXTO 409b18-411a7 - LIVRO I, CAPÍTULO V, CONTINUAÇÃO

TEORIA DO CONHECIMENTO DE EMPÉDOCLES

A ALMA NÃO É COMPOSTA PELOS ELEMENTOS

Há, então, três maneiras pelas quais os homens definiram a alma: alguns declarando que ela é o principal motor, sendo automovente; outros, que ela é o mais sutil dos corpos, ou a menos corpórea das coisas (as contradições e problemas que essas visões acarretam nós brevemente examinamos); portanto, o que nos resta considerar é como se diz que ela é constituída a partir dos elementos. Dizem que isso é assim porque a alma percebe as coisas que são e conhece cada uma delas. Mas muitas consequências irracionais decorrem disso. Pois eles supõem que o semelhante é conhecido pelo semelhante, como se quisessem identificar as próprias coisas com a alma. Mas aqueles [elementos] não são as únicas coisas; há muitas outras, talvez infinitas em número, derivadas deles.

Concedido, então, que a alma conhece e percebe os elementos dos quais cada uma destas coisas é formada, todavia ela não conhecerá ou perceberá os todos, como o que é uma divindade, ou um homem, ou carne, ou osso, ou qualquer outra coisa composta. Pois os elementos destes não estão inter-relacionados ao acaso, mas por alguma proporção ou princípio de composição, como Empédocles disse do osso:

A terra, toda graciosa, em suas amplas cavernas

Tomou duas partes de oito de água e luz,

Mas quatro do deus do fogo, e então

O osso branco foi feito.

Portanto, não adianta supor que os elementos estão na alma a menos que nela estejam também os princípios e a coordenação. Que cada um conheça seu semelhante, mas não conhecerá o osso ou o homem a menos que estes estejam nela. No entanto, é quase desnecessário dizer que isso é impossível; quem jamais pensaria em investigar se há uma pedra na alma, ou um homem? Da mesma forma, o bem ou o não-bem; e similarmente com outras coisas. §§ 178-80

Além disso, 'aquilo que é' pode ser predicado de várias maneiras: de um modo, substância; de outro, qualidade; de outro, quantidade; e de qualquer outra maneira de acordo com as categorias que foram distinguidas. A alma será composta de todas estas ou não? Mas não parece que haja elementos comuns a todas elas. Será apenas dos de substância? Como então ela conhecerá algo dos outros tipos? Ou se deve dizer que há elementos e princípios próprios de cada categoria dos quais a alma é composta? Então haverá qualidade e quantidade e substância na alma. Mas é impossível que dos elementos da quantidade derive substância, e não quantidade. Pois para aqueles que sustentam que a alma é composta de todas as coisas, essas (e outras tais) dificuldades surgem. §§ 181-2

É irracional dizer que uma coisa não pode ser afetada pelo seu semelhante, e ainda assim que a sensação e o conhecimento são 'semelhante pelo semelhante'. Pois eles postulam a sensação como sendo movida e afetada, e o conhecer e compreender da mesma forma. § 183

O que foi dito agora atesta as muitas dificuldades e dúvidas a serem enfrentadas por alguém que, com Empédocles, diz que cada coisa é conhecida através de seus elementos corpóreos e [sua relação] com sua semelhança. Pois quaisquer coisas no corpo que são obviamente terrosas (ossos, tendões, cabelo) parecem não perceber nada; portanto, nem mesmo suas semelhanças; e, no entanto, deveriam [sob essa hipótese]. § 184

Novamente, cada um dos princípios terá mais ignorância do que entendimento. Pois conhecerá um único princípio e será ignorante de muitos outros, na verdade de todos os outros. § 185

Além disso, para Empédocles, a Divindade deve ser a coisa menos conhecedora de todas, pois só ela não conhecerá um dos elementos, a saber, a Discórdia; mas os mortais, todos; pois cada indivíduo é composto de todos. § 186

Em geral, então, por que é que tudo não tem uma alma? Pois todas as coisas são ou elementos ou são feitas de um, ou de vários, ou de todos. Elas deveriam, portanto, conhecer um, ou vários, ou todos. § 187

Poder-se-ia perguntar o que lhes dá unidade. Pois os elementos são comparáveis à matéria, e aquilo que os mantém unidos, seja o que for, é o princípio mais essencial. Que ele tenha uma função superior ou seja mais excelente do que a alma é impossível; ainda mais impossível que seja superior ao intelecto. Pois que este seja por natureza o primordial e o mais exaltado e divino está em plena concordância com a razão. No entanto, esses homens dizem que os elementos têm prioridade entre os seres. § 188

Nenhum daqueles que sustentam que a alma é constituída a partir dos elementos porque percebe e conhece as realidades, e que ela é primária entre as forças motoras, considera todo tipo de alma. Pois nem todos os seres sencientes se movem; certas espécies de animais são observadas

permanecendo em um só lugar, embora pareça que a alma mova o animal apenas com este único movimento [isto é, local]. Da mesma forma, com aqueles que fariam dos elementos os poderes sensitivo e intelectual; pois as plantas parecem viver, mas não são dotadas de movimento local ou percepção; e muitos animais carecem de inteligência. Mesmo deixando este fato de lado, e admitindo que o intelecto é uma parte da alma, e o poder sensitivo também, eles não estariam falando de toda alma, nem da totalidade de qualquer alma, nem de uma [alma inteira]. A mesma objeção se aplica a uma noção expressa nos hinos órficos, onde se diz: 'A alma entra a partir do universo, inspirada pelos ventos'. Isso não pode ocorrer no caso das plantas e de certos animais: a menos que, de fato, todos usem a respiração; um fato negligenciado por aqueles que propõem esta visão. §§ 189-90

Mas se é preciso constituir a alma a partir dos elementos, não há necessidade de usá-los todos; pois um termo dos contrários é suficiente para o discernimento de si mesmo e de seu oposto; assim, pela linha reta conhecemos tanto a si mesma quanto a oblíqua; o critério de ambas é a régua, mas a curva não é critério nem de si mesma nem da reta.

COMENTÁRIO DE SÃO TOMÁS

LIÇÃO DOZE

§ 178. Tendo explicado nas seções anteriores que os primeiros filósofos conduziram sua investigação sobre a alma por três vias, a do movimento, a do conhecimento e a do ser incorpóreo, e tendo apresentado certas objeções contra aqueles que seguiram a via do movimento, e contra aqueles que identificaram a alma com algo sem corpo e inteiramente simples, o Filósofo agora se volta para criticar os defensores do princípio de que a alma conhece tudo porque tudo está incluído em si mesma.

§ 179. Com sua teoria de que todo conhecimento ocorre por meio da assimilação, esses filósofos haviam captado, por assim dizer, um vislumbre distante da verdade; mas eles expressaram isso dizendo que a razão pela qual a alma conhecia todas as coisas era que todas as coisas entravam em sua composição, e que a alma possuía a semelhança de todas as coisas de acordo com o modo de existência, ou seja, corpóreo, que as coisas têm em si mesmas fora dela. Portanto, se as coisas consistem de elementos, o mesmo é verdadeiro, disseram eles, para a alma; e essa é a causa da sensação e do conhecimento. O principal defensor dessa visão foi Empédocles, que postulou mais elementos na alma do que qualquer outro; e, portanto, o Filósofo está mais preocupado aqui em refutá-lo do que a qualquer outro. Então ele primeiro ataca a opinião de Empédocles, e só então, em 'E alguns dizem', a de certos outros.

§ 180. Contra Empédocles ele traz dez argumentos. O primeiro é o seguinte. Empédocles argumenta que a alma deve ser composta de todos os objetos de seu conhecimento porque o conhecimento ocorre por meio da similitude. Mas isso envolve muitas dificuldades e absurdos. Pois claramente os elementos não são tudo o que uma determinada coisa contém; inclui muito mais além, como a proporção em que seus elementos são combinados e a essência formulável de cada um em particular, e pode até haver uma infinidade de acidentes pertencentes às coisas compostas de elementos. Tomemos, por exemplo, os ossos. Para entender os ossos, precisamos conhecer não apenas os elementos de que são compostos, mas também como esses elementos se combinam

neles, e o padrão funcional dos ossos; pois a ordem dos elementos nas coisas compostas não é aleatória, envolve um certo arranjo proporcional definido. Se o osso, como diz Empédocles, é composto de oito partes, cada osso tem oito partes nas quais os vários elementos entram em medida desigual: pois a terra, ele diz, contribui com duas partes, o ar e a água com uma cada, e o fogo com quatro — a essa predominância do fogo se deve a brancura do osso, enquanto da terra vem sua secura. Assim, nas coisas compostas há, além dos elementos, certas proporções e padrões. Bem, então, essas proporções estão na alma juntamente com os elementos, ou não. Se estão na alma, então ossos e carne e assim por diante, e, portanto, homens e pedras e corpos e coisas totalmente contrárias umas às outras, estão todos na alma; e ninguém sonha em conceder isso. Mas se apenas os elementos estão na alma, então ela não conhece de fato a proporção nas coisas nem as coisas compostas como tais; e como pode ela conhecer Deus (isto é, os Céus como um todo) ou homem ou pedra ou osso? Ela não pode possivelmente conhecer essas coisas; ela conhece apenas os elementos que as compõem, de acordo com essa visão.

§ 181. O segundo argumento, começando em 'Além disso, aquilo que é', é o seguinte. Tu dizes que a alma é composta de princípios elementares. Mas estes diferem de acordo com as diferentes categorias das coisas, como substância, qualidade, quantidade e o resto. É então a alma composta dos princípios elementares apenas da substância, ou inclui aqueles das outras categorias? Se a primeira alternativa estiver correta, então a alma só conhece a substância; no entanto, a suposição é que ela conhece tudo. Mas se ela inclui os elementos de todas as categorias, então, uma vez que tudo o que tem os princípios elementares da substância é uma substância, e tudo o que tem os da quantidade é uma quantidade, e assim por diante com o resto, segue-se que a alma é ao mesmo tempo uma substância, e uma qualidade, e uma relação, e assim por diante.

§ 182. Poder-se-ia responder que os princípios elementares da substância são também os da quantidade, qualidade, etc., uma vez que tudo está fundamentado na substância; portanto, a alma precisa apenas possuir os princípios da substância para conhecer tudo. Mas eu digo que as coisas têm princípios remotos e próximos, e devem ser conhecidas por meio destes últimos. Os princípios da substância podem ser os remotos, mas não são os próximos, princípios das outras categorias; portanto, não podem dar conhecimento de nada exceto da substância.

§ 183. O terceiro argumento, começando em 'É irracional', é este. A razão pela qual se diz que a alma é composta de todos os elementos é que ela conhece todas as coisas e o conhecimento se dá por semelhança. Contra isso está o fato admitido de que a sensação e o conhecimento são uma espécie de ser afetado; e parece irracional dizer que o semelhante é afetado pelo semelhante, e não antes pelo seu contrário; e, conseqüentemente, dizer que a sensação ou o conhecimento se dão por semelhança.

§ 184. O quarto argumento, em 'O que já foi', é este. O que já foi dito é suficiente para mostrar que a teoria de Empédocles é altamente questionável e sua maneira de expressá-la descuidada. Mas há uma objeção ainda mais forte. Se a alma, como ele diz, conhece por semelhança, então o elemento ar conhecerá o ar, e assim por diante para os outros elementos. Mas sabemos que os corpos dos animais têm muitas partes terrosas que carecem de sensação, como cabelo, ossos e nervos; no entanto, eles deveriam ter sensação de acordo com esta teoria. Portanto, o conhecimento não é por semelhança nem a alma é composta dos elementos.

§ 185. O quinto argumento, em 'Novamente, etc.', é o seguinte. Outra objeção a esta visão é que ela implica que os princípios como tais são mais ignorantes do que perceptivos. Pois se o conhecimento é apenas por semelhança, e se cada princípio é bastante simples, não tendo semelhança com nada além de si mesmo, segue-se que cada princípio só conhece a si mesmo e ignora tudo o mais.

§ 186. O sexto argumento vem em 'Além disso'. Esta teoria também implica a consequência duvidosa de que Deus é o mais ignorante de todos os seres vivos. Pois, como vimos, Empédocles pensava que tudo nesta terra poderia ser reduzido aos quatro elementos juntamente com a Discórdia e a Amizade, sendo estes últimos as causas do vir-a-ser e do perecer. Mas o céu ele chamou de Deus e disse que era composto dos quatro elementos e da Amizade, mas não da Discórdia; e, portanto, era incorruptível. Se então o conhecimento é por semelhança, Deus não pode conhecer a Discórdia, uma vez que ela não faz parte dele, e Deus é, portanto, menos perceptivo, estritamente falando, do que outros seres vivos que conhecem a Discórdia porque a incluem.

§ 187. O sétimo argumento vem em 'Em geral, por que'. Se a alma é feita de todos os elementos, então todas as coisas têm almas; pois todas as coisas são feitas de todos ou de alguns elementos. Ora, tudo o que é feito de elementos ou de compostos de elementos é um corpo. Portanto, todos os corpos, na verdade todos os seres, têm almas; o que é falso.

§ 188. O oitavo argumento começa em 'Pode-se maravilhar'. Os elementos são muitos e contrários; mas sempre que coisas contrárias se juntam em uma composição, deve haver alguma outra coisa que as inclua e unifique. Portanto, se a alma é composta dos elementos, deve haver algo nela que os unifique. Mas é extremamente duvidoso o que isso pode ser; pois deve ser algo na alma mais nobre do que a alma, o que é uma impossibilidade, pelo menos no que diz respeito àquilo que é razoável considerar a coisa sumamente nobre e divina, a saber, a mente. Além disso, esta outra coisa teria que ser anterior aos elementos, enquanto Empédocles e os outros afirmaram que os elementos eram os primeiros de todos os seres. Portanto, a alma não é composta de elementos.

§ 189. Ele começa o nono argumento em 'Nenhum daqueles', mostrando a fraqueza da visão de Empédocles e de todos os outros que investigaram a alma, seja pela via do movimento ou pela via da percepção sensorial. Pois (1) há uma lacuna nos argumentos de todos que definiram a alma em termos de movimento local. Muitos seres vivos, como as plantas e coisas semelhantes a plantas, não se movem localmente, mas estão fixos em um só lugar. E (2) há uma inadequação semelhante na definição da alma em termos de intelecto ou sensação; pois muitos seres vivos nem sentem nem pensam. E se o movimento local, o intelecto e a sensação são tomados separadamente e considerados como partes distintas de uma única alma, isso não se aplicará à alma em geral, uma vez que nem todas as almas são intelectuais; nem à totalidade de qualquer alma, pois apenas partes dela serão intelectuais e sensitivas; nem a qualquer alma única, uma vez que esta descrição não enumera todas as características de uma dada alma; pois em qualquer alma há outras coisas além do entendimento e da sensação.

§ 190. E um certo filósofo chamado Orfeu, tendo caído em um erro bastante semelhante no que disse sobre a alma, também é mencionado aqui. Orfeu foi um daqueles três pensadores antigos que eram, por assim dizer, poetas-teólogos; pois escreveram em verso sobre filosofia e sobre

Deus. Os outros dois foram Museu e um certo Lino. Orfeu, um orador maravilhoso cujas palavras tinham poder para civilizar povos selvagens e brutais, foi o primeiro homem a induzir seus semelhantes a viverem juntos em sociedade. Por esta razão, diz-se dele que podia fazer as rochas dançarem ao som doce de sua harpa, o que realmente significa que sua eloquência podia derreter os corações mais duros. E depois destes três poetas-filósofos vieram os sete sábios, dos quais Tales era um. Ora, este Orfeu pensava que todo o ar estava vivo, era na verdade uma espécie de alma viva, e que as chamadas almas dos corpos vivos não eram nada além do ar que esses corpos respiravam; e essa ideia ele expressou em verso. Mas o Filósofo objeta à teoria órfica, dizendo que é tão inadequada quanto as outras que criticou; pois há muitos animais que não respiram, 'um fato', diz ele, 'que foi negligenciado' por aqueles que sustentaram esta opinião. A crítica toca na inadequação da teoria.

§ 191. Em 'Mas se alguém' vem o décimo argumento; que condena a teoria empedocliana de complicação desnecessária. A capacidade da alma para o conhecimento é explicada por sua composição a partir de elementos. Ora, é uma questão de experiência que o conhecimento de qualquer coisa repousa em poucos, em vez de muitos, princípios; portanto, mesmo que concedamos que a alma é composta de elementos, não devemos supor que estes sejam todos os elementos, mas no máximo dois. E que o conhecimento repousa em poucos, em vez de muitos, princípios é claro se considerarmos que nas coisas compostas, consistindo de dois princípios, um de perfeição, outro de imperfeição, é à luz do primeiro que conhecemos o segundo; e que nos contrários, que podem ser reduzidos a uma qualidade e sua privação, basta entender o termo que denota qualidade e perfeição para entender também o outro termo que denota privação e imperfeição. Assim, pela ideia de linha reta conhecemos e julgamos tanto as linhas retas quanto as curvas; pois 'a régua', isto é, a medida, é o meio de conhecer ambas; mas a linha curva é o meio de conhecer nem a si mesma nem a reta. Portanto, não havia necessidade de considerar a alma como feita de todos os elementos; bastava aduzir apenas dois, fogo e terra, como seus meios de conhecer tanto a si mesma quanto as coisas contrárias. Através do fogo, ela poderia conhecer tanto objetos frios quanto quentes, e através da terra, o seco e o úmido.

Revision #1

Created 4 October 2026 19:27:47 by Admin

Updated 4 October 2026 19:28:39 by Admin